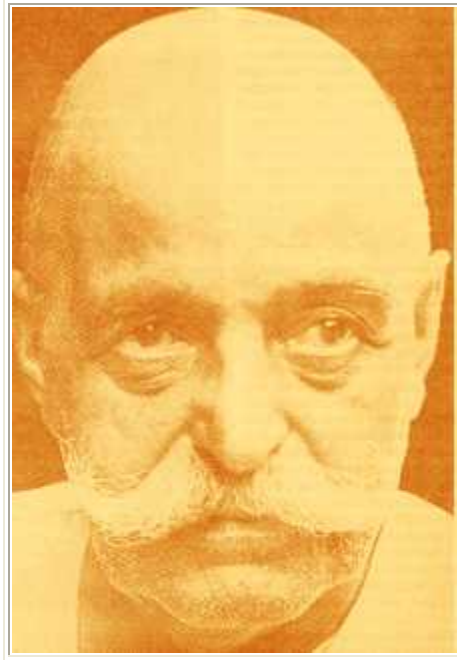


# O MESTRE DO QUARTO CAMINHO



## GURDJIEFF: MAGO? PROFETA? SANTO?

POR CLAUDE VALIN

(Condensação do livro "As Memórias de Thomas Hartmarí")

De onde ele vinha? Surgiu uma tarde, lá por 1916, nos cafés de São Petersburgo, enigmático, ambíguo, um pouco sobrenatural. Os que dele

se aproximavam, impressionados por seus poderes magnéticos, não mais o esqueciam. Alguns lhe entregaram a alma, incondicionalmente, e tornaram-se dóceis discípulos de um mestre que deveria mais tarde identificar-se com belzebu, chefe dos demônios; sua sabedoria, toda de paradoxos, tinha nuances infernais.

Muito humano para ser o diabo, muito desumano para ser um santo, Gurdjieff levou consigo o segredo de sua natureza quando morreu, em novembro de 1949, com 83 anos, porque não estava mais "com vontade de viver", deixando obra volumosa e obscura, intitulada All and Everything (De Tudo e de Todas as Coisas).

Georges Ivanovitch Gurdjieff nasceu em Alexandropol (hoje Leninakan) na Armênia, em 1866. Os pais eram gregos da Ásia Menor. Seu pai parece ter sido dotado de uma cultura muito antiga. É possível que desde a infância Gurdjieff vivesse num ambiente de ritos divinatórios peculiares à velha Rússia. "Seus primeiros anos - conta Ouspensky - decorreram numa atmosfera de contos de fadas, lendas e tradições. À sua volta, o milagroso era um fato real. As predições que ouviu e às quais as pessoas que o cercavam davam inteiro crédito, se haviam realizado, abrindo seus olhos para muitas coisas."

Após ter seguido cursos de preparação para o sacerdócio no seminário de Alexandropol, (cujos muros deveriam abrigar também Stalin), Gurdjieff optou pelos estudos médicos e sem dúvida exerceu a medicina um ou dois anos antes de deixar o Cáucaso para empreender viagens que cobrem um período de 20 a 25 anos, quando seus traços se tornam incertos.

Atraído pelo Oriente das magias e da sabedoria, visitou os lugares do alto conhecimento: o Chitral, o monte Atos, escolas na Pérsia, em Bucara

e no Turquestão Oriental. Conforme suas próprias declarações, teria feito parte de um grupo que incluía sacerdotes, sábios, médicos, eruditos, que haviam dado a si mesmos, por tarefa, percorrer o mundo à procura do conhecimento, cuja revelação esperavam conseguir por meio do estudo das práticas e doutrinas esotéricas do Oriente.

## **FOI PRECEPTOR DO DALAI-LAMA**

Esta busca, sempre de acordo com o próprio Gurdjieff, tê-lo-ia levado a conviver com dervixes de diferentes ordens. Todavia, seus deslocamentos parecem ter tido outro fim, talvez secundário, mas não menos perturbador. Segundo M. Rom Laudau, Gurdjieff teria sido o principal agente russo de informações no Tibete, encarregado pelas autoridades tibetanas de diversos postos de controle financeiro e do armamento das tropas.

Sua cultura espiritual tê-lo-ia elevado ao posto de preceptor do Dalai-lama, que o teria acompanhado na fuga quando os ingleses invadiram o Tibete. Esta última circunstância explicaria certa desconfiança por parte do governo inglês a seu respeito. Suas atividades de agente secreto ter-lhe-iam valido, em compensação, a benevolência de Poincaré que autorizou pessoalmente sua instalação na França. De qualquer modo, quando chegou à Rússia, em 1914, com 48 anos, Gurdjieff possuía profundo conhecimento das danças, da música e das doutrinas das religiões iniciatórias orientais, e é lícito pensar que tivesse sido encarregado por alguma sociedade secreta de levar a boa palavra ao Ocidente.

Nos cafés de Moscou e de São Petersburgo começou a formar adeptos e, em junho de 1917, após breve estada em Alexandropol, instalou-se em Essentuki, no Cáucaso, com alguns discípulos. Seus ensinamentos, que associavam, à maneira da ioga, um sistema filosófico e a ginástica do corpo e do espírito, tiram sua grande originalidade do fato de aí se encontrarem estreitamente ligados os produtos do antigo saber humano e os métodos do espírito ocidental moderno. Entre outras coisas, esses ensinamentos levavam os discípulos à tomada de consciência de si próprios e ao domínio perfeito do corpo, por métodos que se relacionavam tanto a uma psicologia de vanguarda como às disciplinas mais antigas.

Surgiu, contudo, a guerra civil, e a maré revolucionária ganhou pouco a pouco o Sul da Rússia, obrigando Gurdjieff e seus companheiros a partir primeiro para Tiflis, onde foi fundado o primeiro Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem, depois para Constantinopla, Berlim, Londres e, enfim, Fontainebleau. Foi nesta última localidade, no Priorado de Avon, que em 1922 começou sua verdadeira carreira pública.

As viagens pela América alternavam-se com representações, em Paris, do grande balé "A Luta dos Magos", cuidadosamente preparado por ele, enquanto os curiosos afluíam ao castelo de Avon. Discípulos vindos de toda parte juntam-se a essa estranha colônia, onde aprendem a "se conhecer" entregando-se 20 das 24 horas do dia a trabalhos de aterro, construção, bem como a uma ginástica estranha e a exercícios de concentração.

Ali se encontravam psicanalistas, ex-estrelas, mulheres de letras. As mais diversas línguas eram faladas; todos tremiam juntos, sob a férula do

mestre, numa atmosfera de hipnose coletiva. Desse período e dos anos subsequentes há inúmeros testemunhos, entre os quais os de René Barjavel, Louis Pauwels, Pierre Schaeffer, Georgette Leblanc, Dorothy Caruse, Katherine Mansfield e muitas outras personalidades.

Mas que fim teriam levado os discípulos dos primeiros tempos? Parece que a maioria desapareceu. Sobre as atividades de Gurdjieff na Rússia e a odisséia que deveria levá-lo a Paris - onde morreu em 1949, no hospital americano de Neuilly - o diário de Thomas de Hartman talvez seja, juntamente com os escritos de Ouspensky, o melhor documento existente, contendo preciosas informações.

### **ESSE HOMEM EXERCIA EXTRAORDINÁRIA ASCENDÊNCIA**

"A questão é a seguinte: o homem em seu nível atual de existência não possui alma imortal e indestrutível. Mas, com certo trabalho, ele próprio pode forjar a

alma imortal, de maneira que o conjunto alma-corpo recém formado não seja subordinado às leis do corpo físico, e continue a existir depois da morte do corpo físico. Mas há algo que talvez o deixe embaraçado.

Geralmente pensamos que o alto conhecimento é dispensado graciosamente; contudo, neste caso, se sua mulher e o senhor querem juntar-se a este trabalho, devem pagar uma certa importância em dinheiro."

Tratava-se de perto de mil dólares. Era no outono de 1916. A Rússia guerreava, a chama revolucionária estava acesa. Contudo, estes dois homens, que filosofavam em Tzarkoie-Selo tomando chá, tinham preocupações que não diziam respeito à política contemporânea. A

finalidade de suas vidas era a pesquisa espiritual e a procura de Deus, de uma fé, de um homem ou simplesmente deles mesmos.

Zahroff, matemático de renome que acabava de falar, deixou entender que havia descoberto uma via. Seu interlocutor, Thomas de Hartman, jovem compositor, já célebre, do corpo de oficiais da reserva da guarda do czar, ansiava por conhecer essa via, quaisquer que fossem as condições. Após esse encontro, Zahroff prometeu arranjar uma entrevista com aquele que possuía as chaves do conhecimento.

Thomas de Hartman esperou vários meses; afinal, foi marcado um encontro em São Petersburgo, num bar meio duvidoso da perspectiva Nevski. "Se alguém soubesse que eu me encontrava lá comentou depois - seria obrigado a deixar meu regimento." Mas reconhecia que sem dúvida Gurdjieff quis pô-lo à prova, para ver até que ponto seria capaz de abstrair-se das convenções sociais. Gurdjieff chegou com dois companheiros. Thomas de Hartman (como foi o caso de outras pessoas) reconheceu-o imediatamente pelos olhos, de profundidade e penetração incomuns.

O jovem compositor jamais encontrara um olhar assim. A fisionomia de Gurdjieff era a de um belo oriental, cabeça raspada, pele escura, bigode torcido e negro. As orelhas eram extraordinariamente pontudas e a boca, nunca totalmente fechada, descobria os dentes. A conversa foi breve. Gurdjieff fez algumas perguntas. Hartman respondeu que "sem progresso interior não se sentia viver", e que sua mulher e ele procuravam um meio de se desenvolver. Ficou decidido que Hartman iria instruir-se com Ouspensky. Não reviu Gurdjieff senão em fevereiro de 1917, numa reunião em que apresentou sua esposa Olga.

Contudo, a revolução acabava de estourar, e Petrogrado era o centro. O marxismo, o coletivismo e a planificação estavam em marcha. O Exército branco, desorganizado pelos agitadores, desfazia-se aos poucos.

Gurdjieff achava-se, então, no Cáucaso. Hartman, que acabava de escapar a uma revolta de soldados, pediu para ser enviado a Rostov, no Sul da Rússia, ainda intocado pela revolução, e partiu com sua mulher para Essentuki. Aí encontraram Gurdjieff e alguns discípulos, numa pequena casa muito simples, e desde a primeira tarde o trabalho começou.

Depois que todos tomaram chá, Gurdjieff ordenou que a mesa fosse retirada e pôs os assistentes em fila no meio da sala. Deu a ordem: "marchar", todos se puseram a marchar, a fazer meia-volta, a correr, a executar toda espécie de exercícios durante longo tempo. No dia seguinte, Gurdjieff ocupou-se de dois recém-chegados, e, depois da marcha forçada em passo de ginástica através da cidade, fê-los participar de uma espécie de "concurso de caretas". Gurdjieff dava o exemplo e era preciso imitá-lo. Quando ordenava: "stop", todos deviam conservar a expressão do rosto no momento, e Gurdjieff não deixava de fazer notar o quanto os resultados eram feios ou ridículos.

Todavia, desde a segunda noite, Gurdjieff começou a falar de uma próxima partida para a Pérsia, o que desesperou os esposos Hartman. Apesar de estarem um tanto perplexos e desorientados pelo trabalho com o mestre, não desejavam separar-se dele tão cedo. Além disso, a Pérsia era um país estrangeiro, e Hartman não poderia deixar a Rússia sem ser considerado desertor. Finalmente, decidiram acompanhar Gurdjieff, e este consentiu.

## **ELE FATIGAVA OS CORPOS ATÉ A EXAUSTÃO**

Em vista da viagem, Gurdjieff comprou uma pequena carroça e dois cavalos novos. Preveniu os companheiros de jornada para levarem o estritamente necessário, uma pequena mala por pessoa. Assim mesmo, quando as bagagens estavam empilhadas na carroça, só restava o lugar para o condutor, o próprio sr. Gurdjieff. Ficou combinado que ele partiria pela estrada, enquanto sua mulher, os Hartman e algumas outras pessoas tomariam um atalho nas montanhas, a pé.

O primeiro dia de marcha foi exaustivo. Contudo, quando o mestre se juntou ao grupo, comunicou sua intenção de prosseguir a viagem. Então, começou para os caminhantes um esforço real, que não tardou em tornar-se suplício. A viagem já durava 12 horas. Os pés sangravam e a carroça ia em boa marcha. Além disso, Gurdjieff havia dito que pretendia fazer uma parada, mas não comunicou nem onde nem quando. A incerteza juntava-se aos tormentos dos neófitos; era bem essa a maneira do mestre que, mais tarde, no Priorado de Avon, fazia os discípulos trabalharem até a fadiga extrema, sem fixar hora para repouso.

## **ENSINAMENTOS PARA CALÇAR**

Nessa noite, quando enfim Gurdjieff decidiu acampar em plena floresta, sob a chuva, seus companheiros tiveram, ainda, que se ocupar dos cavalos, do fogo e de mil outros detalhes antes de ter direito ao sono. Com exceção do infelizmente Hartman, que foi designado para montar guarda e não dormiu a noite toda. No dia seguinte, depois de acordar os companheiros à aurora para nova marcha, Gurdjieff, sem consideração

pelo cansaço, pediu a Hartman como favor especial, para subir na carroça e sentar-se sobre a pilha de bagagem, posição muito incômoda que não lhe permitia fechar os olhos sob o risco de cair.

Fato surpreendente, durante toda a expedição, que durou vários dias através do Cáucaso, e, apesar do humor extravagante e terrivelmente autoritário do chefe, nenhum dos participantes fez o menor gesto de revolta. Alguns destes, que visitaram a colônia de Fontainebleau-Avon, sete ou oito anos depois, pretendiam que os discípulos de Gurdjieff, submetidos a condições extremas, eram mantidos em estado de hipnose. Não há dúvida de que a superpersonalidade do mestre era a origem da aceitação e da total submissão observada entre os discípulos.

"Parecia - escreveu Hartman que tudo que estava acontecendo era um conto de fadas, no qual precisávamos fazer as coisas mais impossíveis para atingir nosso propósito."

O propósito dessa primeira expedição era, depois de muitas provas, uma bonita casa, escondida entre rosas, perto de Sotchi, às margens do mar Negro, onde Gurdjieff começou a ensinar aos alunos exercícios de concentração e auto-observação. Não se falava mais em ir para a Pérsia e supunha-se que Gurdjieff nunca tiveram realmente intenção de ir para lá. "Ao falar em partir para a Pérsia - escreve Hartman - e criando toda espécie de dificuldades emocionais e físicas, conseguiu um estranho ambiente de obstáculos progressivos, que era preciso vencer para atingir um certo 'faça você mesmo', um certo 'eu faço', na escala de nosso desenvolvimento geral."

Contudo, Hartman, exausto pela viagem e pelos trabalhos duros a que fora submetido, contraiu febre tifóide e, só depois de convalescer, pôde juntar-se ao mestre no Cáucaso, para onde ele tinha voltado nesse meio

tempo. Finalmente, o grupo estava em Essentuki, tendo Gurdjieff para lá convocado antigos discípulos de Moscou e Leningrado, com os quais deveria lançar as bases do Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem.

Quando começou o verdadeiro trabalho, Gurdjieff, segundo seu costume, obrigou os companheiros a executarem tarefas para as quais estavam totalmente despreparados e, por bem ou à força, tirou-lhes toda espécie de costumes adquiridos. Hartman viu-se privado de açúcar (de que gostava) e obrigado a vender objetos heteróclitos, pedaços de seda e pano alcatroado, enquanto sua esposa devia fazer as refeições com outras pessoas, num prato comum, e renunciar às jóias que mais estimava (e que Gurdjieff restituiu a seguir). Era a explosão da personalidade por meio de choques sucessivos, e o treinamento eficaz da vontade, completando outra forma de ensinamento.



## **GINÁSTICA SAGRADA PARA DESENVOLVER A VONTADE**

Todas as noites, depois da refeição, os membros do grupo reuniam-se no quarto de Gurdjieff. O soalho e as paredes eram forrados de tapetes. Gurdjieff ficava habitualmente numa espécie de divã; os discípulos instalavam-se em esteiras, à sua frente, exercitando-se em manter as pernas cruzadas, à maneira oriental. O mestre geralmente falava pouco e ninguém devia fazer perguntas. Às vezes, Gurdjieff ficava só com dois ou três alunos, aos quais ensinava uma disciplina interior especial.

"Eram também organizadas sessões coletivas. Era a "ginástica sagrada". Esta ginástica começava por exercícios relativamente simples, terminando em práticas de concentração e de controle da memória, que absorviam a pessoa. Outros exercícios consistiam, para os participantes, em deixar-se cair e torcer-se, à maneira de serpentes no ninho, num emaranhado incrível de braços e pernas. Ao grito "stop", todos se imobilizavam na posição em que estavam, o que dava, no dizer de testemunhas, composições esculturais de grande beleza.

Depois de algum tempo, Gurdjieff decidiu experimentar um período de jejum. Separou os homens das mulheres e proibiu de se falarem, exceto uma hora por semana, durante a qual podiam sair e passear juntos. Tinha-lhes ensinado uma série de movimentos especiais, de braços e pernas, cada postura correspondendo a uma letra do alfabeto, única linguagem permitida no interior do instituto.

Enquanto isso, na Rússia, a confusão política aumentava. Os bolcheviques estendiam seu poder e Gurdjieff, que parecia possuir a preciência dos acontecimentos - a menos que estivesse muito bem

informado -, começava a encarar uma segunda expedição, que permitiria a seu grupo escapar da zona controlada pelos soviéticos. Fazendo da circunstância prova de grande habilidade, empreendeu manobras junto ao Soviete de Essentuki, obtendo autorização e material para uma expedição científica ao monte Induc, no Cáucaso.

Graças a seus estratagemas, conseguiu para todos duas espécies de identidade: uma, afirmando fidelidade ao novo regime; outra, atestando a filiação ao antigo. Depois de muitas providências, os detalhes práticos da expedição estavam minuciosamente preparados. Gurdjieff treinava não só os homens, obrigando-os a carregar às costas sacos de pedras, mas também os cavalos, pois a viagem devia ser feita em etapas, de trem e marcha na montanha.

O Soviete de Piatigorsk forneceu equipamento completo: barracas, machados, picaretas e um grande cinturão vermelho, de bombeiro, que Gurdjieff pôs na cintura e não abandonou durante toda a viagem. Foram igualmente distribuídas bússolas, e aqueles que não conheciam os astros aprenderam a reconhecer a Estrela Polar. Por outro lado, Gurdjieff impôs a todos regras draconianas de disciplina, exigindo obediência cega.

Thomas de Hartman, que temia para sua mulher o excesso de fadiga da nova expedição, hesitava em juntar-se ao grupo, mas afinal a amizade do casal por Gurdjieff prevaleceu. Partiram, e sem dúvida salvaram assim a própria vida, pois três semanas mais tarde o reino do terror foi implantado em Essentuki, onde os antigos oficiais da guarda foram fuzilados à beira do fosso que eles mesmos cavaram.

O motivo real da nova expedição era alcançar Sotchi, atravessando ainda uma vez o Cáucaso, onde, segundo os acasos da guerra civil, as

idades ora estavam nas mãos dos cossacos brancos, ora na dos bolcheviques. Na confusão do momento, às vezes era difícil adivinhar a cor política das patrulhas, e Gurdjieff reservou para si a tarefa delicada de identificá-los. Conforme torcesse um lado ou outro do bigode, seus companheiros sabiam se deveriam mostrar os antigos passaportes czaristas ou os que obtiveram dos soviets. Essa técnica aparentemente nunca falhou; depois de muitas privações e marchas forçadas, os membros da expedição chegaram sãos e salvos à bonita cidade nas margens do mar Negro. Então Gurdjieff anunciou que a expedição havia terminado, que não tinha mais dinheiro, que o grupo estava dissolvido e que, por seu lado, decidira ficar em Sotchi.

Os participantes dispersaram-se, com exceção de Thomas e Olga Hartman, que ficaram fiéis a Gurdjieff. Era para eles o começo de uma nova vida. Praticamente arruinados pela revolução, deveriam enfrentar dificuldades de ordem material, para as quais a rude escola do mestre os havia, felizmente, preparado. A senhora Hartman habituou-se aos trabalhos caseiros. Thomas de Hartman voltou à antiga profissão de músico, e recomeçou a dar concertos. Quanto a Gurdjieff, jogava partidas de cartas no Clube dos Oficiais Circassianos, o que lhe permitia, entre outras coisas, estar a par dos movimentos dos exércitos.

Foi sem dúvida depois de uma "partida de cartas" particularmente interessante que decidiu, em meados de janeiro, embarcar com o casal Hartman num desconfortável cargueiro, que os desembarcou em Poti, onde tomaram o trem para Tiflis.

A vida na capital da Geórgia, ainda sob o antigo regime, foi logo organizada pelo mestre. Thomas de Hartman escrevia críticas musicais, sua mulher cantava. Gurdjieff, com a ajuda da sra. de Salzmann (que

dirigia uma escola de dança, segundo as regras do método Dalcroze), organizou com sucesso as primeiras representações das Danças e Ginásticas Sagradas. Enfim, abriu seu primeiro centro de trabalho: o Instituto para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem, cujos primeiros membros foram: um certo doutor S., o sr. e sra. de Salzmann e o sr. e sra. de Hartman.

## **INSTALA-SE NA FRANÇA E CONQUISTA O OCIDENTE**

Depois de arranjar um local de vastas dimensões, Gurdjieff comprou um piano, ao qual instalou Thomas de Hartman. Na opinião deste, o piano não era muito bom, o que provocou a observação do mestre: "Qualquer um toca num bom instrumento." E começaram as sessões de ginástica, atraindo crescente número de alunos. Gurdjieff resolveu, então, ditar o texto de A Luta dos Magos, aperfeiçoando depois a música com a ajuda de Thomas de Hartman.

Apesar das inúmeras ocupações, o mestre não perdia de vista a evolução dos acontecimentos. Tornava-se cada vez mais evidente o sucesso da revolução e o enfraquecimento dos exércitos de Koltchak e Wrangel. Gurdjieff enviou então a senhora Hartman a Essentuki, munida de um visto, com o fim de recuperar os pertences particulares do casal e trazer os tapetes de grande valor de propriedade do mestre; depois, numa tarde de verão, sem qualquer aviso, comunicou ao casal que deveria aprontar-se para partir para Constantinopla. Uma semana depois estavam os três em Batum, onde embarcaram para a Turquia, chegando em breve a seu destino. Estavam um tanto ofuscados pela mistura de

luxo e miséria, característica dessa cidade, a mais oriental da Europa, pela abundância de víveres que abarrotavam os mercados, pela agitação das forças de ocupação. Na Rússia, o general Koltchak tinha sido derrotado e o que restava do exército de Wrangel abandonava a Criméia. Imigrantes chegavam sem dinheiro, mas Gurdjieff parecia sempre confiante em sua estrela, que nessa ocasião se chamava Ouspensky. De fato, este lá havia chegado e preparara o terreno para a abertura de um instituto. Thomas de Hartman recomeçou a dar concertos. Gurdjieff, por seu lado, dedicava-se ao tratamento de doentes pelo método psicológico. Pouco a pouco, antigos alunos de Tiflis, também imigrados, vieram juntar-se a eles e o trabalho recomeçou. Foi criada a dança dos dervixes; na primavera seguinte, Gurdjieff resolveu trabalhar em toda espécie de fenômenos extranaturais, tais como hipnotismo, ação a distância, transmissão de pensamento. Não se tratava, especifica Thomas de Hartman, senão de um começo; o programa deveria ser desenvolvido mais tarde, no castelo do Priorado, na França. Mas Gurdjieff já pensava em deixar a Turquia. Treinando sua equipe, em breve partiu para Berlim, onde ficou da primavera de 1921 ao verão de 1922. A partir desse momento, Gurdjieff lançou-se à conquista do Ocidente. Seu método, até então reservado a alguns iniciados, ia enfrentar a luz crua dos projetores e da crítica, que chegaria a ver nele um destruidor consciente do pensamento ocidental.

**A VIDA NO PRIORADO ERA MAIS DURA QUE NA TRAPA**

Depois de renunciar a instalar-se em Londres, onde as condições não lhe eram favoráveis, Gurdjieff decidiu fundar seu instituto na França, com fundos ingleses. Os discípulos chegaram a Paris a 14 de julho de 1922 e foram encarregados de procurar um local adequado. O Priorado de Avon, perto de Fontainebleau, estava à venda por um milhão de francos; para surpresa geral, Gurdjieff comprou sem tê-lo visto. Era uma vasta construção, bastante úmida e desconfortável, situada num grande parque abandonado, que pertenceu a M. Labory, o advogado de Dreyfus. Gurdjieff aí instalou sua colônia, que em breve ficou muito em voga. Na época os discípulos eram principalmente russos e ingleses, homens de letras, médicos e intelectuais de boa vontade, que aspiravam ao aperfeiçoamento ou que procuravam uma mística. Com o fim de levá-los a tomar conhecimento de si mesmos pelo sistema de choques sucessivos, Gurdjieff fê-los trabalhar na construção dos banhos turcos, no conserto de velhos depósitos que serviriam a seguir de sala de dança, no corte de árvores, no trato de animais: vacas, porcos, cabras. Às vezes, o trabalho solicitado não tinha qualquer finalidade: valas eram abertas de manhã e fechadas à tarde, sem terem sido utilizadas para o que quer que fosse.



Certas tarefas duravam indefinidamente; e se alguém porventura se acostumava com o trabalho e sentia satisfação em fazê-lo era logo removido para outro completamente diferente. No Priorado, deitavam-se tarde, levantavam-se cedo.

Às 6 horas da manhã, conta Thomas de Hartman, um aluno percorria os corredores com um sininho e era preciso levantar-se depressa, descer à sala de jantar, engolir rapidamente o café com um pequeno pedaço de pão e ir direto ao trabalho. Gurdjieff sabia como repartir o trabalho de maneira a não perder um momento. O trabalho externo durava até às sete horas ou até à noite, com curta interrupção para o almoço.

Trabalhava-se, às vezes, à luz de lanternas elétricas. Gurdjieff olhava com severidade aqueles que se demoravam na sala de jantar para fumar ou conversar. À noite, quando soava o grande sino, era preciso trocar-se rapidamente para o jantar. A refeição compunha-se de carne com feijão, ervilha ou batatas, pão e café. As 8 horas, todo mundo ia para a sala de trabalho, onde tinha lugar a ginástica sagrada.

Gurdjieff inventava novos exercícios, destinados a desenvolver a atenção, tais como três movimentos diferentes e simultâneos com a cabeça, os braços e as pernas, executados contando, cujo resultado era abstrair o indivíduo da corrente de associação de idéias que o absorve. Segundo outras testemunhas, praticavam-se igualmente exercícios de contração de um só músculo com exclusão de todos os outros, e cálculos rápidos, tais como:  $2 \times 1 = 6$ ,  $2 \times 2 = 12$ ,  $2 \times 3 = 22$ ; ou ainda:  $2 \times 2 = 1$ ,  $4 \times 4 = 13$ ,  $5 \times 5 = 22$ , obtidos pela soma ou subtração de um número crescente ou constante, ao resultado (no primeiro caso, 4 era somado ao primeiro produto, 8 ao segundo, 16 ao seguinte e assim por diante; no segundo caso: 3 era subtraído dos resultados). O trabalho era um esforço

cotidiano. Gurdjieff dava a certos eleitos orientação referente à concentração do pensamento, ao controle da respiração e da energia sexual, mas pedia-lhes silêncio sobre essas práticas.

Durante uma entrevista concedida em fevereiro de 1923 a Denis Saurat, Gurdjieff resumiu assim sua doutrina: "Poucos seres humanos têm uma alma. Nenhum tem alma ao nascer. É preciso obter uma alma. Os que não conseguem morrem; os átomos se dispersam, não resta nada.

Alguns fazem-se uma alma parcial e são então submetidos a uma espécie de reencarnação que lhes permite progredir. E, enfim, um número muito reduzido de homens chega a ter alma imortal. Mas esse número é muito pequeno, apenas alguns. A maioria dos que chegam a alguma coisa não tem senão almas parciais... Pelo trabalho físico quero torná-los donos do mundo exterior. Não é senão uma fase temporária. Procuo dar-lhes todos os poderes. Não há diferença entre os poderes ocultos e os outros. Os ocultistas de hoje estão todos errados."

Contudo, Gurdjieff não limitava suas atividades à instrução dos discípulos no Priorado. Continuava a redação de sua obra *Belzebu* e dava também representações de *A Luta dos Magos*, nos Estados Unidos, e no teatro dos ChampsElysées, em Paris. Os arquivos da imprensa forneceram-nos duas críticas desses espetáculos; uma francesa (1), outra norte-americana (2): "As danças começam sob a direção de Gurdjieff. São danças lentas, os figurantes colocados distanciados uns dos outros. A certas ordens, todos se imobilizam na posição em que estão e devem a ficar até a ordem de recomeçar. Os que estão em equilíbrio instável, ao grito de parada, não devem terminar o movimento começado, mas cair com todo seu peso pelo efeito normal da gravidade. Depois de cair, não se devem mexer... A atmosfera perfumada, as luzes, os ricos tapetes, os

movimentos estranhos: é o romantismo dos orientais, enfim, realizado na terra.

"Em primeiro lugar, as danças foram executadas por um grupo de homens e mulheres vestidos com roupas amplas e calçando sapatos flexíveis. Era verdadeiramente fantástico, porque cada um dançava de maneira diferente. Uma orquestra, dirigida por um homem chamado Hartman, produzia estranha música, em que as batidas do tambor predominavam. Os movimentos eram simbólicos, mas não sensuais, pois parece que estávamos na presença de um culto em que a sensualidade não tem lugar. É impossível descrever essas danças que parecem pertencer a religiões antigas. Uma senhora explicou que as danças antigamente tinham por finalidade fazer o ser realizar atos reais de graças, de louvor ou de súplica. Foi-nos apresentada a dança turbilhonante do dervixe.



"Gurdjieff dirigia os dançarinos, dando a saída para um balanço de braços e fazendo parar bruscamente. Conservavam o equilíbrio na posição em que estavam, semelhantes a estátuas de madeira: Pareciam estar sob a magia de um poder hipnótico.

"A música é uma espécie de jazi levado ao extremo. As harmonias e melodias foram transcritas por T. de Hartman, conforme sugestões de

Gurdjieff, que as guardou de memória, depois de tê-las ouvido em diversos mosteiros e seitas do Oriente, por ocasião de sua 'procura da verdade'. Gurdjieff afirma que essas músicas datam da mais alta antigüidade e foram transmitidas por inscrições existentes em certos templos.

### **SUAS ÚLTIMAS PALAVRAS: "EU OS DEIXO EM BONS LENÇÓIS"**

Todavia, alguns críticos e certos espectadores acharam os dançarinos tristes, até mesmo aterrorizados. Sem dúvida, razões assim fizeram alguns pensionistas deixar o Priorado também por estarem decepcionados por não encontrarem o desenvolvimento espiritual a que aspiravam; enquanto outros, ao contrário, pareciam descobrir a paz e a harmonia, como dizem que aconteceu com Katherine Mansfield, que lá morreu de tuberculose incurável, mas, parece, com a alma em paz. Gurdjieff, vítima de um acidente de carro em julho de 1924, desinteressou-se pouco a pouco pelo Priorado de Avon. Seus íntimos notaram a profunda mudança. Em 1929, Thomas e Olga de Hartman separaram-se do homem por quem sempre sentiram profunda veneração, sem dar razões para a ruptura. Em 1934, o mestre vendeu o Priorado e instalou-se em Paris, rua do Colonel-Renard, perto da Etoile. O recrutamento de discípulos foi rápido, mas o ensino foi deixado a cargo de instrutores. Gurdjieff dava trabalhos apenas para um número muito reduzido de alunos.



Ele continuava à procura de um homem, ou tê-lo-ia encontrado? Ou tudo estará resumido nas parábolas de Belzebu? Gurdjieff não disse. Diante de seus fiéis, reunidos em 1949, à volta de seu leito de morte, no hospital norte-americano de Neuilly, esse grande aventureiro, ou grande sábio, não pronunciou, à maneira de última mensagem, senão estas palavras ambíguas e um pouco diabólicas: "Eu os deixo em bons lençóis."